

# TODOS COMO UM SÓ HOMEM

## — Presidente Samora Machel na sessão de encerramento da Reunião com os Comprometidos

Passamos a transcrever na íntegra o discurso proferido pelo Presidente Samora Machel, na sessão de encerramento da Reunião com os Comprometidos, ocorrida na última segunda-feira em Maputo:

Compatriotas, Cidadãos da terra livre:

A história da luta do Povo moçambicano pela sua libertação total e completa foi por nós aqui revivida durante cinco dias.

Foram dias em que recordámos como o colonialismo português utilizou um punhado de moçambicanos para tentar impedir o nascimento da Pátria moçambicana.

Usando o método que é nosso — que foi provado durante a luta de libertação nacional — de fazer directa e fundamentalmente dos nossos problemas, organizações esta reunião.

Através da narração dos crimes que vocês cometeram, o nosso objectivo foi conhecer mais profundamente a história do sofrimento do Povo moçambicano. Conhecer também os feitos heróicos daqueles que se sacrificaram para que nós, hoje, possamos estar aqui.

Neste processo, procurámos fazer com que vocês encontrassem o caminho para se libertarem do passado a que continuam ligados.

Libertar-se do passado não é ter medo de reconhecer que ele existe. É olhar de frente. Quisemos que tivessem a coragem de encarar frontalmente a realidade do vosso passado para assumir e dele se libertarem verdadeiramente. A vossa descolonização mental é o nosso objectivo principal.

Só assim estarão em condições de assumir o compromisso com a Pátria libertada, com a nação moçambicana.

Somos a primeira geração de homens livres no nosso País. O futuro depende de nós, depende do que fizermos agora.

Temos a responsabilidade de assegurar hoje a felicidade das gerações vindouras e ninguém pode ficar marginalizado neste processo.

Por isso queremos que vocês se libertem para que, como cidadãos no gozo (pleno) dos seus direitos e deveres, possam participar activamente nas grandes tarefas da defesa da Pátria e da reconstrução nacional.

Então esqueçam as vezes «Não vamos esquecer o tempo que passou» pois sentimos a necessidade de agradecer sempre o contributo do passado para aumentar permanentemente a nossa capacidade de compreender e resolver os problemas do presente e perspectivar correctamente o futuro que desejamos.

Esta reunião tornou mais uma vez clara a complexidade da situação criada no nosso País pelo colonialismo. Aqui, à honra recordado, reunimos apenas uma pequena parte daqueles que directamente estiveram comprometidos com a defesa do colonialismo.

Confrontámos-nos aqui com alguns dos que eram pilares e instrumentos essenciais do sistema de opressão e repressão do colonialismo.

Confrontámos-nos aqui com alguns que resistiram a entrar no cadáver do colonialismo, que o reflectem no seu olhar e persistem em transportá-lo nas costas.

A realidade que constatamos espelha a situação de milhares de outros moçambicanos que, em todo o País, foram usados durante o colonialismo como executores despersonalizados da sua política. Em todo o País, encontramos esta realidade: um punhado de moçambicanos que participaram como agentes directos da repressão brutal do colonialismo, que negaram a liberdade do Povo e extorquiam os valores coloniais para fazer viver a opressão e a humilhação, que combataram a sua própria libertação moçambicana que denunciaram, torturaram, mataram e massacraram.

Este punhado de moçambicanos vivia das migalhas e palmadinhas nas costas dos seus chefes coloniais.

A sua vida era serem carcosos para receberem pequenos favores dos seus patrões fascistas.

A vida deste punhado de moçambicanos era sugar o sangue do povo trabalhador, alimentando-se da morte dos cidadãos honestos.

ouvimos uma parte da História do nosso País. A História legada daqueles que iam ficando cada vez mais presos ao compromisso, ao servilismo face aos patrões, à aliança

viótia, a mentira, a marginalidade, a miséria, o desemprego eram cuidadosamente utilizados e provocados no alicionamento para um comprometimento assumido até às suas últimas consequências.

Nos PIDES recordámos as atrocidades cometidas na Vila Algarve, e nas prisões da Machava e da ilha do Ibo, vimos de novo as cenas manchadas de sangue, os afogamentos calculados de prisioneiros indefesos, os estrangulamentos sádicos, os assassinatos a sangue-frio nas salas de tortura, recordámos a existência de milhares de túmulos anónimos de patrões, espalhados pelos cantos escondidos do nosso País, as valas comuns abertas no segredo da noite.

Esta acção animalística e sinistra está presente sob todas as suas formas e graus em cada um dos grupos de PIDEs que aqui analisámos: os agentes, os guardas prisionais, os informadores, os motoristas, os burocratas, os mecânicos, os sarventes. Eles carregam consigo o peso do luto nacional, as lágrimas, a dor de milhares e milhares de mulheres e crianças de famílias moçambicanas.

Nos OPVS recordámos a sinistra guarnição dos campos de concentração chamados aldeamentos; os destruidores da integridade moral do homem moçambicano; os raptores das populações das zonas libertadas; os violadores de mulheres; os pistoleiros impiedosos na perseguição dos guerrilheiros, abrindo caminho ao avanço do exército colonial e ao massacre das populações.

Nos COMANDOS, força de choque do exército colonial, e na escória auxiliar desse exército, os GE'S e os GEPS, constatámos a frieza brutal das acções do inimigo directo que derrotámos e derrotámos na guerra. Ouvimos como realizavam operações de repressão, de morte e de destruição dos bens e meios de vida do Povo nas zonas de guerra. Ouvimos como, ao aberturar e massacrar o Povo queriam liquidar o guerrilheiro; por outras palavras, preferiam secar a água para matar o peixe.

Em todo este processo compreendemos também, através de muitos dos relatos feitos, o papel desempenhado por um sector importante da Igreja Católica no nosso País.

Houve padres e bispos que foram recrutadores da PIDE, que seleccionavam quadros e agentes, formavam-nos ideologicamente. A hierarquia católica em Moçambique permitiu que capelas e igrejas fossem transformadas em bases de assalto para os massacres em bases operacionais onde se fortalecia a consciência do opressor; em bases acolhendo a corrupção e retemperando, para novos massacres, a brutalidade dos soldados coloniais.

A mão da Igreja Católica não só cobriu com a sua bênção as expedições do exército colonial, como encolheu e deu cobertura às acções mais vis de repressão. Mas também sempre que foi necessário, a Igreja Católica procurou eliminar entre os seus membros e no seio da sua hierarquia aqueles que levantavam a voz para denunciar os crimes, os massacres, a humilhação e a discriminação permanentes de que o nosso Povo era vítima.

O modo como decorreu esta reunião confirmou-nos que não é fácil o processo da vossa libertação.

Assistimos, aqui mesmo, a diferentes tipos de comportamento, a diferentes maneiras de resistir quando vos quisemos fazer enfrentar o vosso passado para encontrarmos as vias para construir um novo e diferente futuro.

Alguns de vocês, chamados a dizerem a verdade do vosso passado, refugiaram-se numa alegada ignorância, procuraram ocultar as vossas responsabilidades, acudiram a factos e ocultaram-se por detrás de incoerências ou do esquecimento, vestiram a pele de vítimas e não a de agentes activos e conscientes, que foram, das acções que praticaram.

Desculpando-se e justificando-se, mostraram-nos que continuam escravos do colonialismo.

Mostraram que não entenderam ainda a mensagem, o significado profundo das transformações que se deram no nosso País.

Mostraram que ainda não compreenderam o que significou e significa a independência conquistada e a

deixa e completa quando subseram lucidamente compreender e assumir a tragédia do vosso compromisso, o preço que ele fez pagar ao Povo moçambicano em dor, em sofrimento e em luto.

Outros apareceram aqui ainda carregados de arrogância, evocando os seus crimes em atitudes desprovidas de vergonha e de pudor, mostrando que persistem neles defeitos e vícios que os fizeram eleger como agentes do colonialismo.

Finalmente, muitos mostraram que souberam assumir a responsabilidade do seu passado, evidenciaram o crescimento do nível das suas consciências, demonstraram vontade patriótica de participar activamente nas tarefas da defesa da Pátria e da reconstrução nacional.

A esses, saudamos, vivamente.

Ao longo desta reunião, ao evocarmos a nossa História, vimos como o colonialismo, através de todos os meios de pressão, de intimidação, de corrupção e de chantagem.

O colonialismo assalou consciências, despersonalizou, humilhou, destruiu homens e mulheres moçambicanos que depois abandonaram e deixaram entregues à sua vil traição.

A nossa revolução é generosa e é humana. Ela acredita na imensa capacidade de transformação da consciência. A operação não tem nela lugar. E esta é a essência do processo que estamos a conduzir para vocês se libertarem.

Compatriotas,

Vimos como o colonialismo, do Rovuma ao Maputo, fez dos seus agentes ferros com máscara humana, homens despidos da consciência, perversos na sua sensibilidade, indiferentes ao choro de uma criança, às lágrimas de uma mulher. O colonialismo retirou-vos a família. Muitos aqui não podiam dizer à sua mulher, aos seus filhos a natureza do seu trabalho, não podiam entrar em casa e orgulhosamente falar do trabalho bem feito. Não podiam explicar ao filho como tinham denunciado alguém, contar à mulher como torturaram uma vítima, explicar à mãe como assassinaram uma criança.

O colonialismo retirou-vos o Povo e negou-vos a Pátria.

Fez de vocês, brancos, mulattos, indianos, diferentes graduados de pele, diferentes complexos, que, inclusivamente, vos levavam a ter vergonha da mãe, do avô. O colonialismo reduziu-vos a tribos, clãs, a pequenos grupos dispersos, sem história, sem cultura, sem personalidade. O colonialismo fez-vos ver a vergonha do trabalho honesto do pai, considerado baixo, do prato delicioso cozinhado pela mãe, declarado cántaro. O colonialismo mandou-vos ler discursos elogiando esta degradação e ensinou-vos a ter orgulho quando se cobriam de ridículo, orgulho de carregar à cabeça o baldé cheio e furado, orgulho de ser luto e escravo.

Assim, os autores dos crimes também se tornavam vítimas dos crimes que cometeram. O colonialismo e o fascismo, ao transformarem os

seus agentes em lacaios sanguinários, destruídos como seres humanos, retri-lheza a honra e dignidade.

A primeira constatação desta realidade talvez surgiu para alguns de vocês, quando o colonialismo em debandada não vos quis levar nem nos portões do último paquete.

Já vos tínhamos prevenido na mensagem de 25 de Setembro de 1973. Dissemos então, que os agentes moçambicanos do colonialismo não

bilidade pessoal nos crimes cometidos pelo colonialismo.

Demonstrou que o discurso feito pelo ANP, afirmando a porfugidade de Moçambique e o repúdio à independência, tinha como consequência a denúncia do patriotismo pelo informador da PIDE, a tortura e o assassinato do militante e culminava logicamente no massacre cometido pelo comando ou GEP. Os crimes do colonialismo e do fascismo, as torturas, os assassinatos, os massacres, foram um todo que responsabiliza cada um.

Quer isto dizer que não houve pequenas tarefas de agentes do colonialismo, não houve pequenos compromissos. Quem quis o colonialismo, quem defendeu o colonialismo, quis necessariamente a guerra colonial, defendeu necessariamente os crimes e os massacres do colonialismo.

Nenhum agente do colonialismo, nenhum lacão se pode refugiar na atitude simplista de que ignorava os crimes, de que pessoalmente apenas fez um discurso ou uma denúncia.

Nenhum se pode refugiar na posição confortável e falsa de que unicamente conduzia uma vibração da PIDE, de que apenas obedecia a uma ordem superior.

Todos estes actos são as diferentes peças que concorriam para o eficaz funcionamento da máquina da repressão e crime.

Estes actos não têm justificação. Assim como ninguém perdoa o roubo porque o ladrão está desempregado, assim como ninguém aceita o assassinato porque o criminoso tem filhos e mulher, para alegar, também no caso da Pátria e do massacre do Povo não podem ter qualquer justificação. Reservamos a nossa compaixão, as nossas lágrimas e o nosso luto para as vítimas, não para os carcosos.

Esta reunião permitiu-vos começar a libertar-se dos fantasmas, dos cadáveres que povoadam os vossos pesadelos.

Esta reunião conduziu a que cada um olhe para si próprio e assumia na sua integridade o seu passado.

O passado, a História não se negam, há que olhar de frente para eles para garantir que o nosso presente e o futuro não sejam triste repetição desse passado.

Esta reunião permitiu-vos começar a libertar-se dos fantasmas, dos cadáveres que povoadam os vossos pesadelos.

Esta reunião conduziu a que cada um olhe para si próprio e assumia na sua integridade o seu passado.

O passado, a História não se negam, há que olhar de frente para eles para garantir que o nosso presente e o futuro não sejam triste repetição desse passado.

Não se trata nem de esquecer nem de negar a existência dos vossos crimes. Trata-se sim de, pela coragem em assumir o passado, pelo trabalho honesto na reconstrução nacional, pela dedicação em defender a Pátria, ultrapassar o passado, renascer como um Novo homem.

Esta reunião traz-vos a consciência de que são moçambicanos, têm uma Pátria, pertencem a um Povo.

Compatriotas,

Nesta reunião só pôde participar uma pequena parte dos comprometidos que existem no nosso País. Mas tudo o que estamos a dizer e, em particular, as tarefas que vos vamos dar, e que em grande parte já foram definidas aqui por vocês, respeitam a todos os comprometidos no País.

Até ao dia 20 de Junho, até à semana da celebração da Fundação da Frelimo e da Independência nacional, nos locais onde estão afixados os vossos fotografias, os órgãos do Partido deverão organizar reuniões com todos os trabalhadores e todos os comprometidos desse local de trabalho para se retirarem as fotografias.

O processo de libertação não termina com a retirada das vossas fotografias. Esse processo só se realiza através de:

1. O vosso engajamento na produção, no trabalho honesto, na luta intrínseca contra a sabotagem, na luta intrínseca pelo aumento da produção, da rentabilidade, na luta intrínseca contra elementos anti-sociais, boateiros, marginalizados, criminosos, anti-patrióticos. No vosso engajamento na defesa da Pátria, da soberania e integridade territorial, na defesa da liberdade, na defesa da independência nacional;
2. No vosso engajamento na defesa da Pátria, da soberania e integridade territorial, na defesa da liberdade, na defesa da independência nacional. No vosso engajamento na defesa, reforço da unidade nacional, na criação da Nação moçambicana, no desenvolvimento da personalidade moçambicana, no desenvolvimento social e cultural;
3. No vosso engajamento na defesa da tranquilidade e da ordem pública.

como cidadãos deste país poderá materializar.

Ele é um compromisso solene porque é assumido perante todo o nosso Povo.

Ele é um compromisso de honra, porque é tomado para a defesa e reconstrução da Pátria moçambicana, a única que é vossa.

Para as vossas mulheres e filhos, para os vossos familiares, colegas de trabalho e amigos este é um momento de alegria.

Para o nosso Povo este momento representa uma vitória sobre o colonialismo, sobre o tribalismo, sobre o divisionismo, sobre o racismo. Esta é uma vitória da unidade nacional, mais uma vitória na libertação da terra e dos homens.

Por isso, sejam todos como um só homem. Incorporemo-nos num só homem, num só punho para a defesa da liberdade, para a defesa da independência, para a defesa da Pátria moçambicana, para a formação da Nação moçambicana forte e próspera.

A Luta Continua!  
A Revolução Vencerá!  
O Socialismo Triunfará!

Obrigado.

